

Sexta-Feira, 10 de Abril de 2026

## De Odete ‘loba’ a Fátima influencer, como mudanças de ‘Vale Tudo’ mostram nova ‘cara’ do Brasil

**Atualizações de tramas e consequentes novas reações do público marcam remake de “Vale Tudo”, que chega ao fim na sexta-feira (17)**

A arrivista social **Fátima Acioli** virou influenciadora. **Odete Roitman** foi de "vilã das vilãs" à "loba" e "sensata". O público clamava pela morte da empresária como punição, mas passou a achar que a pobreza seria castigo melhor. Fátima e a mãe **Raquel** eram brancas, agora negras.

Entre a **versão original de “Vale Tudo”** — escrita por Gilberto Braga, [Aguinaldo Silva](#) e Leonor Bassères e exibida entre 1988 e 1989 — e o **remake** — assinado por [Manuela Dias](#) e que será finalizado na TV Globo nesta sexta (17) —, muito mudou. Mas o que as atualizações revelam sobre como era e como ficou a "cara" do Brasil retratada nas novelas?

O *Verso* entrevistou **Mauricio Stycer**, crítico de TV e biógrafo de Gilberto Braga; **Vinicius Venâncio**, doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília e professor da Universidade Federal de Goiás; e **Rafael Rodrigues**, professor de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, para ajudar a responder.

### Para o público, Odete Roitman de 2025 merecia mais a pobreza do que a morte

Tanto em 1988 quanto em 2025, pesquisas Datafolha foram feitas sobre “Vale Tudo”, incluindo perguntas sobre **punições para a grande vilã Odete Roitman**, interpretada respectivamente por Beatriz Segall e [Débora Bloch](#).



Legenda: Apesar da clássica trama do assassinato de Odete Roitman já ser conhecida, público em 2025 preferiria que vilã ficasse pobre.

Foto: Globoplay / Reprodução.

Hoje, o **destino mais almejado foi a pobreza (47%)**, seguido da prisão (35%) e, com apenas 4%, a morte — que foi exibida na trama no último dia 6. Apesar da divisão, o entendimento de que a personagem merece ser punida é majoritário.

47%

dos espectadores desejavam que a punição de Odete fosse a pobreza

35%

dos espectadores desejavam que a punição de Odete fosse a prisão

4%

dos espectadores desejavam que a punição de Odete fosse a morte

Para o antropólogo social Vinícius Venâncio, a inversão dos resultados entre 1988 e 2025 “parece ter a ver com o desejo da população de ver **pessoas ruins pagando em vida** pelos seus erros”.

“A morte já não é mais o suficiente, é preciso ver sofrer. **Não acreditamos mais que a história irá cobrar**, precisamos que a cobrança com juros e correção monetária venha em vida, aos olhos de todos”, segue.

Na visão dele, o resultado mostra uma substituição da morte física pela **“morte social”, que ocorre pela miséria ou pela prisão** — ambos destinos de “humanidade destituída”. “É justamente aí que reside a chave: seguimos um bocado sádicos, apesar de atualizarmos a forma a qual desejamos a aplicação da pena”, compreende.

Em diálogo, o professor de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará Rafael Rodrigues destaca que a **catarse da punição** segue marcando o gênero televisivo.

A primeira realizada foi restrita a São Paulo, enquanto na atual foram **entrevistadas 2005 pessoas em 113 municípios** das cinco regiões do País, com margem de erro de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

Em relação à punição mais desejada pelo público, houve uma inversão de respostas entre os dois levantamentos. Em 1988, **38% dos telespectadores pediam a morte** para Odete.

“A estrutura narrativa de uma telenovela, nesses quase 40 anos entre as duas versões, ainda reserva aos antagonistas o **encargo das punições em seu desfecho**, o que revela o quanto esse modelo brasileiro de narrativa seriada é sólido em seus elementos reconhecíveis e distintivos”, afirma.

O professor avança ao lembrar que uma das “teorias” mais fortes junto ao público é a de que Odete **“não tenha morrido e que conseguirá fugir de qualquer sanção”**.

“Qualquer dessas alternativas, no contexto específico de uma telenovela popular enquanto obra ficcional, parece **mais excitante do que a simples extinção da personagem**”, avalia.

## Quem matou Odete Roitman?

Cinco suspeitos principais estão na mira.

Cesar Ribeiro

Heleninha

Marco Aurelio

Maria de Fatima

Tia celina

## Odete “loba” e Fátima influencer conquistam espectadores

Neste sentido, desponta como provável ponto relevante para a mudança de resultados das pesquisas a **nova representação da “vilã das vilãs”**, que em 2025 chegou a ser elogiada como “sensata” e “loba” nas redes sociais.

Para o crítico de TV Mauricio Stycer, a inversão de destinos desejados pelo público “reflete a **mudança significativa no perfil de Odete**”, que na versão de Manuela Dias “é muito menos ácida e cinzenta”. Para o jornalista, a personagem “se divertiu”.

“Não sobrava muito tempo para planejar suas vilanias, o que explica as inúmeras ações mal ajambradas que promoveu”, aponta. A **atualização da personagem** também é ressaltada por Rafael Rodrigues:

“Ser uma mulher sexagenária no Brasil de 2025, pós-Estatuto do Idoso e diante de um progressivo avanço no imaginário social acerca das pessoas de mais idade, autoriza no remake (ou reboot, para alguns) **uma personagem mais jovial, carismática e sexy**”, reflete o professor.

“A original era vista pelo público como uma ‘velha coroca amargurada’, como ouvi de pessoas próximas, enquanto a feita pela Débora Bloch, mesmo tendo a mesma idade, é vista como **mais jovial e no auge da vida**”, ecoa o antropólogo Vinícius Venâncio.

O lado “sensata”, ele segue, se fortalece pelo **“empobrecimento” dos perfis de Afonso e Heleninha Roitman**, filhos de Odete — interpretados antes por Cássio Gabus Mendes e Renata Sorrah e, agora, por Humberto Carrão e Paolla Oliveira.

“(Eles) se tornaram, para parte do público, dois personagens muito chatos e mimados. Junto a isso, colocar a Odete como uma mulher workaholic e quase self-made em um mundo de homens, atualmente, tem outro peso com o **avanço das discussões feministas**. Algo similar acontece em relação à sua liberdade sexual”, avança.

A empresária permanece com ideias “tão controversas e ferinas quanto no original, mas agora capazes de se propagarem de maneira viral nas plataformas digitais em **cortes de vídeos, memes e figurinhas**”, acrescenta Rafael.

“Um dos possíveis efeitos da construção dessa renovada Odete Roitman é sua popularidade — a vilã que traz frescor, e mesmo um certo alívio cômico para a trama — e não é descabido pensar que o público desenvolveu um certo apego a essa personagem, a ponto de querer prolongar sua existência, mesmo que na prisão ou na miséria”

### **Rafael Rodrigues**

professor de Jornalismo da UFC

Também vilã da trama, Maria de Fátima ganhou contornos próprios da época no *remake*. Ao arrivismo social da personagem originalmente vivida por Glória Pires, foi atrelado o **desejo de virar influencer** na versão de Bella Campos, com direito a perfil no Instagram.

Para Vinícius, a repercussão da personagem se liga a uma série de **visões e comportamentos de gerações mais novas**, incluindo descrença na meritocracia, na educação formal e o desejo de enriquecer pelas redes sociais.

As alterações em geral, na avaliação de Mauricio, “refletem um **desejo de atualização e busca de identificação** com segmentos do público”. O crítico defende o movimento como “natural” em remakes, mas reconhece reações contrárias dos espectadores.

“É o caso de se perguntar se o público, ou parte do público, esperava e desejava atualizações tão radicais, em alguns casos. A julgar pelas reações nas redes sociais, Manuela Dias cometeu um sacrilégio ao fazer muitas dessas mudanças. Na minha visão, foi uma **reação exagerada e, de certa forma, conservadora**”, considera.

Em perspectiva de leitura crítica da mídia, Rafael ressalta que o modelo tradicional de telenovela “**absorve, refrata e reconstrói** esses inputs de mudança social em suas tramas, em especial aquelas que se passam na contemporaneidade”.

“Certamente a Globo, com seu controle de qualidade estrito e as transformações de modelo de negócio pelas quais que passou no sentido de se conectar mais adequadamente às audiências dos dias de hoje, está amparada em dados e perfis de público que justificam, ao menos de um ponto de vista empresarial, as mudanças na construção das personagens”

**Rafael Rodrigues**

professor de Jornalismo da UFC

## **Questão racial à frente e atrás das câmeras**

Antes do *remake* começar a ir ao ar, um dos principais debates referentes a uma das atualizações de “Vale Tudo” se concentrou no fato de que **Raquel e Maria de Fátima passariam a ser negras**.

“Era inevitável que o elenco da atual versão de Vale Tudo fosse enegrecido”, inicia o antropólogo social Vinícius Venâncio, “o que não aconteceria sem retaliação social”. “Apesar dos avanços, o Brasil segue sendo um país profundamente racista. Não à toa, **tanto Bella Campos quanto Taís Araújo foram desqualificadas** quando seus nomes vieram à tona”, relembra.



Legenda: 'Era inevitável que o elenco da atual versão de Vale Tudo fosse enegrecido', aponta o antropólogo Vinícius Venâncio.

Foto: Manoella Melo / Globo / Divulgação.

A decisão se deu na esteira de um movimento geral da própria Globo de buscar certa “**política de equidade racial**”, ressalta o professor Rafael Rodrigues, alinhada “com uma mudança mais ampla no mundo do trabalho, o que inclui políticas afirmativas em universidades, concursos públicos e posições na iniciativa privada”.

“A população negra, apesar de majoritária em termos quantitativos, é **sub-representada na concepção de produtos de mídia** na TV comercial, além de reclamar maior protagonismo nessas obras”, contextualiza.

Escrito por

[João Gabriel Tréz](#)